



**32º CONGRESSO
DE SECRETÁRIOS
MUNICIPAIS DE
SAÚDE DO
ESTADO DE
SÃO PAULO**

15ª Mostra de
Experiências
Exitosas dos
Municípios

8º Prêmio
David
Capistrano

“30 anos de SUS: SUStentabilidade para garantia do Direito à Saúde
Aumento do financiamento federal e estadual!”

Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas

OFICINA TERAPÊUTICA: ESPAÇO PARA COSTURAR E TECER RELAÇÕES SOCIAIS

Neusa Julião Barbosa

1 Fundação Municipal de Saúde de Rio Claro - Fundação Municipal de Saúde de Rio Claro
Rio Claro

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Em função da Reforma Psiquiátrica no Brasil buscou-se a desconstrução do modelo manicomial e trazer a tona a lógica psicossocial de cuidado, com o objetivo da reinserção social de pessoas com sofrimento psíquico e a reabilitação psicossocial, esta entendida por Saraceno¹ como um processo de (re)construção do papel social de exercício pleno da cidadania e de produção de relações nos três grandes eixos: habitação, rede social e trabalho com valor social. Sendo assim, os serviços deixaram de ser locais de repressão, endurecimento, protocolos e utilizam mais das tecnologias leves, acolhendo, cuidando e é onde ocorrerá com certeza mais trocas sociais. As oficinas terapêuticas são espaços organizadores do cotidiano nos CAPS, são espaços de produção e manejo de subjetividade, de formação de vínculos e assistência ao sujeito em sofrimento psíquico. Esses espaços não podem ser reduzidos de produção alienada ou de técnicas manuais de ocupação, como antigas formas de tratamento psiquiátrico. A oficina de bordado e crochê realizada no Centro Atenção Psicossocial III existe desde 1998, quando este serviço ainda era um Núcleo de Atenção Psicossocial, porém com algumas interrupções por conta da saída temporária desta profissional do serviço e o não interesse de outro profissional em dar continuidade.

OBJETIVOS

Propiciar um espaço de diálogo, sociabilização entre os pares, momento que falam da vida, da família, dos sintomas (melhora ou piora da doença), sobre a medicação, o que fazem dentro e fora do CAPS; enfim é um espaço, legitimando um lugar de pertencimento, acolhimento e de valorização da voz do usuário.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato descritivo de experiência desta autora (assistente social) em oficina terapêutica de bordado e crochê em guardanapo, para pacientes com transtornos graves e persistentes e aqueles com leve déficit cognitivo, desenvolvida no CAPS III- “18 de Maio” do município de Rio Claro. A oficina ocorre uma vez por semana no período da manhã com duração de 02 horas; é composta de 03 a 06 usuários no máximo, devido a dificuldade e dependência de cada membro, não é feita distinção de gênero, a preferência é para quem já tenha o mínimo de habilidade e interesse. Procura-se realizar uma atividade planejada que compõe de forma a estimular os usuários a construir algo material, mas também expressarem seus sentimentos a medida que falam de seu presente e fazem planos para o futuro, sempre com alguma intervenção da profissional.



32º CONGRESSO
DE SECRETÁRIOS
MUNICIPAIS DE
SAÚDE DO
ESTADO DE
SÃO PAULO

15ª Mostra de
Experiências
Exitosas dos
Municípios

8º Prêmio
David
Capistrano

“30 anos de SUS: SUStentabilidade para garantia do Direito à Saúde
Aumento do financiamento federal e estadual!”

RESULTADOS

Atividades que antes eram atribuições dos terapeutas ocupacionais passam numa nova lógica de cuidado a ser desenvolvida por outros profissionais, no caso em questão do CAPS III – “18 de Maio” por assistente social. Neste sentido percebe-se que diferentes saberes, seja do terapeuta ocupacional, enfermeiros, profissionais de ensino médio, assistentes sociais, psicólogos, entre outros, pode vir para somar e viabilizar a socialização, reabilitação dos sujeitos de forma que estes possam ter recursos internos e externos a ponto de ressignificar seu cotidiano, sua vida, já que foi observado nesta oficina que a produção mais importante é a de tecer redes de comunicação de forma a serem ouvidas, trocas de experiências, ter voz e a minimização de ansiedades e angústias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atividades que antes eram atribuições dos terapeutas ocupacionais, passam numa nova lógica de cuidado a ser desenvolvida por outros profissionais, no caso em questão do CAPS III – “18 de Maio” por assistente social e autora deste relato. Neste sentido percebe-se que diferentes saberes, seja do terapeuta ocupacional, enfermeiros, profissionais de ensino médio, assistentes sociais, psicólogos, entre outros, pode vir para somar e viabilizar a socialização, reabilitação dos sujeitos de forma que estes possam ter recursos internos e externos a ponto de ressignificar seu cotidiano, sua vida, já que foi observado nesta oficina que a produção mais importante é a de tecer redes de comunicação de forma a serem ouvidas, trocas de experiências, ter voz e a minimização de ansiedades e angústias. Vale salientar que as oficinas são potentes nos espaços do CAPS ou em qualquer outro espaço de cuidado à saúde mental, quando promove o exercício à cidadania, de voz para o sujeito, de escuta, de incentivo a novas produções materiais e de vida. Que sirva para tecer uma rede social e ressignificar a vida dos sujeitos. O contrário só reafirmará o modelo médico centrado, medicamentoso, asilar, institucional e manicomial.